

ASPECTOS DO ENSINO DE HISTÓRIA ANTIGA NO BRASIL: ALGUMAS OBSERVAÇÕES

Semíramis Corsi Silva¹

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar uma sistematização do que foi pesquisado recentemente sobre o ensino de História Antiga no Brasil, aliando observações das pesquisas atuais na área com algumas reflexões críticas a respeito do tema. Para isso, apresentaremos as tendências atuais do ensino de História Antiga no Ensino Superior e Escolar, analisando o uso do livro didático em sala de aula, seus conteúdos e a necessidade da boa formação de professores ainda durante a graduação em cursos de Licenciaturas em História.

Palavras-chave: Ensino de História Antiga, Livro didático, Formação de professores.

Introdução

Por muito tempo a História Antiga esteve ligada ao exótico, ao distante, porém prazeroso e atraente objeto de estudo e admiração, especialmente no Brasil onde a primeira cadeira de estudos universitários na área foi fundada apenas na década de 1940, na Universidade de São Paulo - USP².

Atualmente temos visto um desenvolvimento muito grande das pesquisas e do ensino deste campo. A situação mudou tanto na forma de compreensão da Antiguidade, quanto em relação aos métodos a serem estudados, aos objetos e abordagens e no tratamento da disciplina em nível acadêmico.

A expansão dos estudos sobre a Antiguidade iniciou-se nas universidades maiores e mais antigas, como na Universidade de São Paulo, demais universidades

¹ Doutoranda, Mestre e Graduada em História pela UNESP de Franca. Membro do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano - LEIR. Docente do Centro Universitário Claretiano. E-mail: semiramiscorsi@yahoo.com.br. Aproveitamos o presente espaço para agradecer o apoio constante de nossa orientadora de Doutorado, Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho.

² Conforme nos indica Pedro Paulo Funari e Margarida Maria de Carvalho (2007, p. 14), “Eurípides Simões de Paula, um dos primeiros historiadores universitários – grande propugnador da disciplina histórica, na recém-criada Universidade de São Paulo –, fundou a cadeira de História Antiga, tendo sido o primeiro catedrático. Sua tese de doutoramento, de 1946, já se destacava pela ambição de inserir-se no âmbito internacional e, ao mesmo tempo, por estudar a periferia, algo particularmente inovador”.

deste Estado, de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, para aos poucos atingirem todas as universidades do país, desde as públicas até as particulares.³

A pesquisa de História Antiga no Brasil tem recebido reconhecimento nacional e internacional. Prova deste ponto é a presença constante de Simpósios Temáticos da área nos encontros regionais e nacionais da Associação Nacional de História - ANPUH, o grande número de congressos específicos de História Antiga em diversas universidades de todo Brasil, o aumento considerável das publicações de textos e livros de importantes pesquisadores, a quantidade de revistas específicas que surgem virtualmente ou impressas a cada dia, o intercâmbio freqüente entre estudantes e professores das universidades brasileiras, as diversas bolsas que pesquisadores da área têm conseguido para estudos no exterior e o aumento das cadeiras dedicadas a professores desta modalidade nas universidades.

O objetivo deste texto é analisar as tendências do ensino de História Antiga no Brasil. Para tal compreensão, refletiremos sobre duas frentes: o âmbito da pesquisa e do ensino acadêmico na área e o âmbito do ensino de História Antiga na escola, observando aspectos dos livros didáticos escolares.

Pretendemos fazer um breve panorama sobre a pesquisa nesta área por compreendermos que pesquisa e ensino, seja acadêmico ou escolar deveriam estar interligados e refletirem-se mutuamente, até mesmo porque os objetos, reflexões, métodos e temas das pesquisas acadêmicas acabam refletindo na maneira que os professores de História são formados e na abordagem dada em muitos livros didáticos escritos por estes profissionais, o que reverte, ou pelo menos deveria reverter, na maneira como a História Antiga é desenvolvida em sala de aula, já que o livro didático é um suporte básico do professor, cujo trabalho está aliado também à formação acadêmica dos mestres.

As pesquisas e o ensino acadêmico em História Antiga no Brasil: um breve balanço

³ O fato da região Sudeste ser a primeira na expansão dos estudos sobre Antigüidade, advém, acreditamos, do próprio fato de nesta região se concentrarem mais universidades, como salienta uma pesquisa desenvolvida pelo Prof. Fábio Faversoni em 2001. Esta pesquisa constatou que “50% das instituições de ensino superior que oferecem o curso de História estão localizadas na região Sudeste do Brasil. Destas instituições, 48% estão instaladas no estado de São Paulo, 32% em Minas Gerais, e os Estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo representam os 21% restantes” (FAVERSONI, 2001, p. 45).

Durante os duros anos da Ditadura Militar, vemos as pesquisas e o ensino de História Antiga, nas suas amplas modalidades, sempre ligados ao factual, o que acontecia também nos demais campos da História. O estudante aprendia apenas fatos positivos e feitos de personagens considerados grandes. A História era apresentada como uma linha contínua com acontecimentos com causa e efeito, sem a análise fundamental dos processos históricos propriamente.

Com a abertura política da década de 1980 vemos aparecer um aumento das produções historiográficas. A tendência neste momento será das abordagens marxistas. Os antiquistas acompanharam essa mudança, mas a grande contribuição do momento foi dada a Moses Finley, historiador inglês da Antiguidade de vertente weberiana. Funari e Carvalho (2007, p. 15) nos mostram que Finley que revolucionou a estrutura da análise da História Antiga ao criticar o modelo marxista com suas sínteses totalizadoras transplantadas pelas revoluções, elucidando a eficácia do conceito de *ordem* e *status* de inspiração weberiana em detrimento do emprego do conceito de *classe social* no que se refere à interpretação do que seriam os grupos sociais na antiguidade clássica.

Funari e Carvalho (2007, p. 15) também nos indicam que sem deixar de acompanhar as mudanças historiográficas, a partir da década de 1990, especialmente, os antiquistas adentraram nas interpretações, nos métodos e objetos novos trazidos pela Terceira Geração dos Annales - a Nova História – teses e dissertações aparecem difundindo o conceito de representações e identidade, os usos do passado para identificação do eu e do outro, os estudos sobre gênero e sexualidade, debruçando-se sobre a cultura material, a literatura e a história da vida privada.

Como exemplos destes trabalhos, com novas fontes e abordagens podemos citar as Dissertações de Mestrado da Profa. Ms. Nathália Monseff Junqueira (defendida em 2007 na UNESP/Franca, tratando dos usos do passado egípcio na França oitocentista e da questão da identidade)⁴ e do Prof. Dr. Glaydson José da Silva (defendida em 2001 na UNICAMP, tratando das questões de gênero em documentação literária), assim

⁴ Esta dissertação tem como título: *Voyage en Égypte: as representações do Antigo Egito na narrativa de Gustave Flaubert durante o imperialismo francês do século XIX.*

também como a tese deste último professor na linha de usos do passado e construção de identidades, também defendida na UNICAMP.⁵

As contribuições de outras áreas do conhecimento para os estudos da Antiguidade se tornaram ainda mais válidas. Exemplos disso podemos citar os inúmeros trabalhos pessoais e orientações do Prof. Dr. Pedro Paulo Funari (UNICAMP) que se utilizam da ampla contribuição da arqueologia histórica, a ótima Tese de Doutorado do Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva (UFES)⁶, que alia a interpretação histórica dos conflitos em torno da basiléia sagrada e das perseguições a magos e adivinhos no IV século com a contribuição da conceituação antropológica para os fenômenos de Magia e Religião, ou ainda o estudo de Doutorado da Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho (UNESP/Franca)⁷ sobre a política no IV século aliada ao estudo da retórica, do discurso e da linguagem.

Sobre o atual ensino acadêmico de História Antiga um ponto a ser analisado é qual Antiguidade está sendo tratada. Sabemos que o termo Antiguidade abarca povos muito diferentes de períodos muito longínquos, colocados num mesmo quadro como se tratassem da mesma coisa e necessitassem dos mesmos métodos. Assim, precisamos também ter a percepção da Antiguidade como abordando culturas diversas e plurais.

Podemos verificar que o ensino da História da Antiguidade Clássica ainda recebe maior valorização do que a Antiguidade Oriental. Esse é o caso da UNESP de Franca, por exemplo. Acreditamos que essa preferência pela Antiguidade Clássica não seja fruto de uma visão eurocêntrica por parte das Instituições, pois são todas instituições sérias, com profissionais altamente capacitados na área. Acreditamos, então, que este fato advenha, primeiramente, da carga horária que é destinada à disciplina, da formação dos profissionais da área de História Antiga no Brasil, em sua maioria com seus mestrados e doutorados na área de estudos clássicos e, principalmente, na enorme dificuldade em estudar o Oriente ainda presente em nosso país, por termos pouca documentação escrita sobre estes contextos traduzidas para as línguas modernas, poucas

⁵ A dissertação deste professor tem como título *Aspectos de Cultura e Gênero na Arte de Amar, de Ovídio, e no Satyricon, de Petrônio: Representações e Relações*. Já a Tese deste professor está intitulada *História, Arqueologia e o Regime de Vichy: usos do passado*. Esta tese foi publicada como livro em 2007 pela Editora Annablume.

⁶ *Reis, santos e feiticeiros: Constâncio II e os fundamentos místicos da basiléia*. Tese defendida em 2000 na Universidade de São Paulo - USP e publicada como livro em 2003 pela EDUFES.

⁷ *Paidéia e Retórica no séc. IV d.C. A construção da imagem do Imperador Juliano segundo Gregório Nazianzeno*. Tese defendida em 2003 na Universidade de São Paulo - USP e publicada como livro em 2010 pela Editora Annablume.

obras publicadas em português e pela ainda existente dificuldade de acesso às fontes documentais.

Ensino de História Antiga: os livros didáticos, os recursos e a prática docente

Mesmo após verificarmos o feliz desenvolvimento da pesquisa sobre a História Antiga no Brasil, especialmente das pesquisas sobre Antiguidade Clássica, sabemos que o livro didático de História, sua abordagem da Antiguidade para o Ensino Fundamental e Médio e a aula propriamente da mesma, continuam sendo um problema a ser refletido pelos profissionais. Muitos erros de conceituação, repetição de conteúdos, falta de conexão com a realidade do aluno, e aulas acríticas continuam a existir.

Sobre esta falta de conexão com a realidade do aluno cumpre ressaltar que não acreditamos que os livros e aulas devam incentivar o aluno a uma busca pelas origens do que existe na atualidade, fazer isso seria, além de perigoso, desconsiderar as mudanças e transformações históricas. Devemos buscar compreender o passado por ele mesmo e o presente como resultado de transformações. Um bom exemplo disso seria analisar o teatro grego antigo e suas significações, extremamente políticas e até religiosas, e aspectos sobre o teatro da localidade onde vive o aluno. Outra proposta interessante seria compreender a Reforma Agrária proposta na República Romana pelos irmãos Graco e a proposta de Reforma Agrária dos Movimentos Sociais Brasileiros de Luta pela Terra, percebendo a realidade de cada contexto e as diferenças substanciais em um mesmo assunto. Há uma diversidade enorme de possibilidades como estas a serem exploradas, como é o caso do estudo da escravidão, do imperialismo, da democracia, do mito, do direito, entre outros.

Como exemplo sobre problemas conceituais temos o uso já ultrapassado do conceito de *classes sociais* para tratar da Antiguidade, a famosa linha do tempo desenhada nos quadros por professores que ensinam aos alunos que a História é uma linha de causas e conseqüências, idéias evolucionistas de que um povo com menores conhecimentos técnico-científicos é inferior a outro de maior conhecimento tecnológico, a idéia de que o Egito é legal porque é exótico e misterioso, mas a Antiguidade Romana é imperialista, imponente, chata, violenta e soberba. Ou ainda, o uso problemático do

conceito de decadência para marcar o fim do Império Romano, já criticado por historiadores como Jacques Le Goff que propõe o uso do termo desagregação (GONÇALVES, 2001, p. 05), dando a idéia de transformação que é mais própria na história do que a ruptura total.

Mais um conceito usado em livros didáticos e bem discutido no tocante às pesquisas historiográficas é o de Alto e Baixo Império Romano, que denotam o sentido de momento de auge e queda, sem refletir sobre a História enquanto transformação. Há historiadores, como Peter Brown (*O fim do mundo clássico*, 1972) que propõe o uso do termo Principado em substituição ao de Alto Império, para marcar os três primeiros séculos do Império Romano e Antiguidade Tardia, para marcar já o momento em que as estruturas político-administrativas de Roma estavam sendo transformadas, com elementos típicos do período seguinte, o Medievo.

Outro fator que se repete de forma extremamente acrítica nos livros e nas salas de aula é o chamado determinismo geográfico que levou à hipótese causal hidráulica para marcar o desenvolvimento de civilizações asiáticas. Segundo Ana Teresa Marques Gonçalves (2001, p. 05), historiadores de referência para o estudo do mundo antigo como Ciro Flamarion S. Cardoso e Emanuel Bouzon, defendem a idéia de que não é válido se querer derivar a civilização, em seus inícios e em certas regiões do mundo, de um fator mono-causal, ou seja, a necessidade de um controle centralizado tanto do abastecimento de água quanto da proteção contra as inundações em zonas áridas ou semiáridas. Para Gonçalves (2001, p. 05):

Esse determinismo simplista, ao mesmo tempo geográfico e técnico, presente nas formulações iniciais de Marx e Engels (e em vários de nossos livros didáticos), não pôde sustentar-se ao ser transformado em hipótese de trabalho submetida a suficiente confrontação empírica: tal hipótese demonstrou ser falsa em todos os casos estudados, mas ainda permanece como válida em muitos dos nossos manuais.

Os problemas em relação às camadas sociais e suas classificações no mundo romano, especialmente, são ainda maiores no tocante ao que é tratado nos livros didáticos. Não há uma análise criteriosa nesse aspecto e muitas vezes as camadas sociais do mundo antigo são mostradas em pirâmides sociais, que os estudos acadêmicos, como

os de Géza Alföldy (*A História Social de Roma*) para a sociedade romana, já se mostraram totalmente problemáticos.

Funari (2001, p. 28) nos mostra que muitos livros didáticos adotam visões aristocráticas das elites européias e brasileiras, mostrando a cultura das elites antigas em detrimento das culturas populares, forçando para leituras do presente que reiteram as desigualdades sociais.

Também devemos tomar cuidado com a questão de como os livros mostram esses povos do passado em relação aos problemas de interpretação do *outro*. Luciana de Campos e Johnny Langer (2007) destacam que os autores dos livros didáticos, muitas vezes, elaboram suas obras perpetuando o binômio civilização *versus* barbárie, tema que perpassa por muitas obras artísticas, como os filmes da década de 1950 e 1960. Um tema que Campos e Langer destacam, neste sentido, é a visão dos romanos como perseguidores sádicos de cristãos.

Portanto, a quantidade de anacronismos, erros, simplificações, juízos de valores e, principalmente, falta de atualização dos assuntos tratados nos livros com as pesquisas na área de História Antiga, é enorme.

Mas, embora haja ainda muitos livros de História com conteúdos desfalcados no tocante à História Antiga para o Ensino Fundamental e Médio. Há também ótimas publicações atuais de livros didáticos e paradidáticos voltados para o Ensino de História Antiga propriamente, exemplo disso seria o fantástico livro *Grécia e Roma – Vida pública e Vida privada*, do Prof. Dr. Pedro Paulo Funari, que alia as novas descobertas arqueológicas e suas interpretações históricas, com reflexões de pesquisas que trazem novidades em termos teórico-metodológicos. Este livro é fácil de achar e de linguagem acessível até mesmo para um trabalho de leitura e análise por parte de alunos do Ensino Médio. Outro livro, também de autoria de Pedro Paulo Funari, ideal para o trabalho em sala de aula, tanto em universidades como em escolas é a obra *Antiguidade Clássica. A História e a Cultura a partir dos documentos*. Neste livro, Funari faz uma coletânea de documentos da Antiguidade, tratados por temáticas. O autor aborda ainda, em dois capítulos, as características fundamentais da análise documental e dá suporte para o trabalho do professor com uma série de questões a serem trabalhadas dentro da documentação elencada. Acreditamos que esta obra é excelente para mostrar aos alunos

como é o trabalho do historiador, de onde tiramos e como interpretamos as informações sobre o passado.

Mas para saber utilizar corretamente estes livros, e mesmo outros recursos, o professor de História precisa de criatividade, boa vontade e uma boa formação acadêmica, refletidas em práticas de ensino, estágios, atividades acadêmicas, científicas e culturais e também pesquisas de Iniciação Científica feitas ainda durante a primeira formação na graduação.

Livros são sempre necessários, eles são realmente imprescindíveis. Contudo, o livro não pode se converter no único recurso teórico-metodológico empregado pelos profissionais do conhecimento. O professor de História, independente do nível do ensino, universitário ou escolar, precisa utilizar-se de outros recursos que não apenas o livro didático. Seja o texto base da aula ou as apostilas, em casos das universidades ou do livro didático propriamente, os recursos áudios-visuais são métodos eficazes na aprendizagem.

Um recurso metodológico extremamente necessário no ensino de História Antiga são os mapas. Não há, acreditamos, como ensinar sobre as conquistas romanas, por exemplo, sem utilizar mapas cartográficos que mostrem o território que ao longo de alguns séculos os romanos conquistaram. Outro exemplo, seria trabalhar em sala de aula sobre a temática da *Ilíada* e da *Odisséia* sem utilizar os recursos cartográficos que mostram a Antiga Jônia, as Ilhas por onde Homero contou terem passado suas personagens, entre outros lugares.

O uso de filmes em sala de aula, desde que trabalhados com uma metodologia própria, se faz extremamente válido, pois filmes chamam a atenção dos alunos para uma forma de aprendizado prazerosa e com possibilidades de bons conteúdos. Um exemplo interessante de trabalho com filmes no aprendizado seria a idéia de procurar lugares de memória nas obras cinematográficas. Caracterizamos os lugares de memória como idéias, tradições comumente aceitas sobre o passado, em geral fruto de leituras acríticas de documentos e reproduzidas em certos discursos historiográficos modernos e no cinema. Acreditamos que enquanto historiadores e professores de História devemos ter consciência da necessidade de se estabelecer um diálogo direto com os materiais que suportam a interpretação do passado e também de que tanto os documentos antigos,

quando os filmes modernos não são desprovidos de juízos de valor e impressões próprias de quem os produziu ou produz.

Além dos filmes, imagens de monumentos da Antiguidade, de construções e objetos do uso cotidiano e mesmo de documentação escrita são interessantes para o aluno visualizar mais de perto o que o professor trata. Tais fontes, porém, não devem servir apenas para embelezar as aulas, mas como formas de se estudar o passado. Sempre, preocupando-se em utilizar-se de documentação do próprio passado em estudo, não releituras como quadros do Renascimento sobre mitos gregos. Ressaltamos que este trabalho com documentos está previsto nos PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais de História.

Cabe ainda ao professor mostrar a simultaneidade de certos acontecimentos, pois os livros abrem capítulos para cada povo estudado como se não existissem certos paralelos e interações nos acontecimentos.

Desta forma, é possível e necessário disponibilizar ao público escolar um conhecimento a respeito da História Antiga que não seja para justificar o *status quo* patriarcal e opressivo, nem para simplesmente transmitir um conhecimento por mero cumprimento de programas de ensino, mas, como indicam Funari e Garrafoli (2004, Apud. ROSSI, RODRIGUES, s/d, p.656), para inspirar a liberdade e a igualdade. Apostaríamos ainda em um estudo de História Antiga que leve à fruição e ao prazer da compreensão do passado e da reflexão sobre as realidades vividas e a se viver. Pois, “de olhos voltados às origens do espetáculo das ações humanas, e porque não, a seus antecedentes, a História Antiga é capaz de orientar os mais diversos grupos sociais a visualizar o mundo presente de maneira crítica e cidadã” (ROSSI, RODRIGUES, s/d, p. 256).

Considerações finais

Ao longo destas reflexões percebemos que a História Antiga tem ganhado impulsos e avançado cada vez mais na qualidade de seu ensino e pesquisa. Mas, percebemos que ainda faltam no Brasil profissionais ligados aos estudos da Antiguidade Oriental, embora já existam Núcleos de Estudos nesta área como o Mestrado em Arqueologia do Museu Nacional, ligado à Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, que se dedica aos estudos sobre a Antiguidade, desenvolvendo inúmeros

trabalhos com temáticas sobre Egito Antigo, ligados especialmente à arqueologia e à história. A presença da arqueologia nestes estudos vem para afirmar para nós como os estudos da Antiguidade necessitam muito de caminhar junto com esta área.

Percebemos que os estudos atuais estão se preocupando com a diversificação dos objetos, assim como a sua inserção na realidade brasileira através de uma restrição à visão eurocêntrica estereotipada e de buscas das tradições, permanências e das rupturas, o que se faz fundamental em nossa realidade.

Mas ainda temos muito a caminhar, especialmente em relação ao ensino fundamental e médio de História Antiga. Não acreditamos, nem queremos, uma escola que reproduza o saber acadêmico. Queremos e acreditamos em uma escola que caminhe junto com a academia na realização de pesquisas, de ensino de qualidade e construção geral do conhecimento, isso começa, portanto, na boa formação dos professores ainda no âmbito universitário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALFÖLDY, G. *A História Social de Roma*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- BITTENCOURT, Circe (org.) *O Saber Histórico na Sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos: apresentação dos Temas Transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAMPOS, L de. LANGER, J. *A História Antiga e Medieval nos livros didáticos: uma avaliação geral*. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=newsletter&ID=78>. Acesso em: 11/05/2010.
- CARVALHO, M. M. de. Atividades de Formação e Produção Científica em História Antiga. *Hélade*, 2001, p. 37-41. Disponível em: http://www.heladeweb.net/Numero%20Especial/Margarida_Maria_CarvalhoNE.htm. Acesso em: 10/05/2010.
- _____. *Paidéia e Retórica no séc. IV d.C. A construção da imagem do Imperador Juliano segundo Gregório Nazianzeno*. São Paulo: Annablume, 2010.
- BROWN, P. *O fim do mundo clássico*. Lisboa: Verbo, 1972.
- FAVERSANI, F. A História Antiga nos Cursos de Graduação em História no Brasil. *Hélade*, 2001, p. 44-50. Disponível em: http://www.heladeweb.net/Numero%20Especial/Fabio_FaversaniNE1.htm. Acesso em: 10/05/2010.

FUNARI, P. P. A. *Antiguidade Clássica*. A História e a Cultura a partir dos documentos. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

_____. *Grécia e Roma*. Vida Pública e Vida Privada. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. A importância de uma abordagem crítica da História Antiga nos livros didáticos escolares. *Hélade*, 2001, p. 25-29. Disponível em: http://www.heladeweb.net/Numero%20Especial/Pedro_Paulo_FunariNE.htm. Acesso em: 10/05/2010.

_____. CARVALHO, M. M. de. Os avanços de História Antiga no Brasil: algumas ponderações. *História*, v. 26, n. 01. Franca, 2007, p. 14-19.

GONÇALVES, A. T. Os conteúdos de História Antiga nos Livros Didáticos Brasileiros. *Hélade*, 2001, p. 3-10. Disponível em: http://www.heladeweb.net/Numero%20Especial/Ana_Teresa_Gon%C3%A7alvesNE.htm. Acesso em: 10/05/2010.

JUNQUEIRA, N. M. *Voyage en Égypte*: as representações do Antigo Egito na narrativa de Gustave Flaubert durante o imperialismo francês do século XIX. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade Estadual Paulista/UNESP de Franca em 2007.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais/Secretaria da Educação Fund-Brasília: MEC/SEF, 1997. 1.

ROSSI, A. D. O. C. RODRIGUES, L. L. C. *Elaboração de material didático para o ensino de História Antiga*. Disponível em: www.unesp.br/prograd/PDFNE2004/.../elaboracaodematerial.pdf. Acesso em: 09/05/2010.

SILVA, G. V. da. *Reis, santos e feiticeiros*: Constâncio II e os fundamentos místicos da basileia (337-361). 1. ed. Vitória: Edufes, 2003.

SILVA, G. J. da. *Aspectos de Cultura e Gênero na Arte de Amar, de Ovídio, e no Satyricon, de Petrônio*: Representações e Relações. Dissertação de Mestrado apresentada na UNICAMP em 2001.

_____. *História Antiga e usos do passado*: um estudo de apropriações da Antiguidade sob o Regime de Vichy (1940-1944). 1. ed. São Paulo: Annablume, 2007.